



## TEATRO E PERFORMANCE NA AMÉRICA LATINA

– uma apresentação –

*Luciana da Costa Dias*<sup>1</sup>  
<http://orcid.org/0000-0001-5627-5431>

*Tamira Mantovan*<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-3967-9762>

Aníbal Quijano, em seu texto *Dom Quixote e os moínhos de vento na América Latina* escreveu:

O que hoje denominamos América Latina constituiu-se junto com e como parte do atual padrão de poder mundialmente dominante. Aqui se configuraram e se estabeleceram a colonialidade e a globalidade como fundamentos e modos constitutivos do novo padrão de poder. Daqui partiu o processo histórico que definiu a dependência histórico-estrutural da América Latina e deu lugar, no mesmo movimento, à constituição da Europa Ocidental como centro mundial de controle desse poder. E nesse mesmo movimento, definiu também os novos elementos materiais e subjetivos que fundaram o modo de existência social que recebeu o nome de modernidade. (QUIJANO, 2005, p.9)

---

<sup>1</sup> **Luciana da Costa Dias** é Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB) e fundadora do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq: Aporia: Estudos sobre Performance e Filosofia. É membro da Rede Performance Philosophy e foi pesquisadora visitante no Center for Performance Philosophy da University of Surrey, Reino Unido, entre 2017 e 2018. É doutora em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com período sanduíche na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, Alemanha. E-mail: [luciana.dias@unb.br](mailto:luciana.dias@unb.br).

<sup>2</sup> **Tamira Mantovani Gomes Barbosa** é atriz, performer e pesquisadora. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [tamiramantovanigomes@gmail.com](mailto:tamiramantovanigomes@gmail.com).



Em outros termos, a América Latina foi tanto o espaço original como o tempo inaugural do período histórico e do mundo que ainda habitamos – a modernidade ocidental. Essa discussão é muito cara e central aos estudos descoloniais e pós-coloniais que, desde Mignolo (2003), não conseguem mais separar o binômio modernidade / colonialidade. Contudo, não é fácil falar em América Latina como se se tratasse de algo único e homogêneo. Muito pelo contrário. A América Latina sequer é “unívoca”, já que existe uma América Latina que fala português e outra que fala espanhol. Contudo, ainda que parcialmente diferenciadas por idioma, acreditamos que estas possam ser aproximadas por suas lutas históricas, seu passado colonial e seus problemas econômicos. E ainda assim, poderíamos afirmar que existem “Américas Latinas”; não uma, mas muitas na multiplicidade de países e experiências. Pensar uma performance e um teatro latino-americanos não é menos complicado, se não ainda mais díspar e variado. De fato, talvez a única coisa que nos aproxime sejam nossos problemas, em sua maioria fruto da colonização.

Entre os meses de maio a agosto de 2021 foi ofertada, no Departamento de Artes da Universidade Federal de Ouro Preto, a disciplina eletiva “Estudos do Teatro Latino-americano” ministrada pela professora Tamira Mantovani. Nela, foram discutidos os aspectos teóricos, históricos e críticos gerais e particulares do teatro latino-americano – em suas congruências e incongruências. A disciplina, realizada de maneira remota, se deu por meio de aulas expositivas, discussões e seminários sobre o teatro na América Latina. Dentro de seu cronograma, foi realizado o *I Ciclo de Palestras: Estudos do Teatro Latino-americano* que contou com a participação de artistas, pensadores e professores de diversos grupos artísticos e instituições de ensino do Brasil, da Colômbia, da Guatemala, do Peru e do Chile. O ciclo gerou conversas muito interessantes sobre as diversas práticas e vivências cênicas na América Latina.

Um dos pontos principais levantados durante o *I Ciclo de Palestras* foi o questionamento: “*Quais características aproximam o fazer teatral latino-americano?*”? Apesar de ser composta por países tão diversos, ficou evidente para nós que a América Latina está conectada por meio de um passado de dores compartilhadas: povos originários dizimados, indígenas e negros escravizados, colonialismo, imposição religiosa, exploração dos recursos naturais e ditaduras militares. Passado esse que nos constitui enquanto nações que, atualmente, sofrem sob o capitalismo desenfreado, a exploração, a má distribuição de renda, LGBTQIA+fobia, racismo, tortura, violência policial, machismo, o sucateamento dos



serviços públicos, um projeto de “deseducação social”, o avanço da extrema-direita, dentre outros horrores. Esse passado e presente latino-americano afeta nossa cena artística. Durante as ditaduras militares, por exemplo, foram estabelecidas novas configurações dentro do teatro. Nesse período ocorreu, justamente, o avanço da criação coletiva nos grupos de teatro da América Latina, bem como do teatro político e da cena enquanto espaço de resistência.

A meu ver, os melhores momentos (se podemos falar de melhores momentos), ou melhor, os momentos de grande força e singularidade nesta história, foram aqueles em que nosso teatro foi parte das lutas de nossos povos por uma vida melhor. Então, nesses momentos, nos atrevemos a reconhecer-nos em nossa particularidade e a inventar criativamente um teatro que nos fazia falta, sem ver-nos obrigados a marchar no compasso das culturas hegemônicas” (ZAPATA, 2014, p. 264).

A partir dos encontros potencializados pelo *Ciclo de Palestras: Estudos do Teatro Latino-americano* e das discussões geradas – e que seguem ecoando – é que se originou o presente dossiê. Ele se inicia, inclusive, com duas entrevistas exclusivas de dois brilhantes artistas da cena teatral latino-americana: Carlos Araque e Daniel Guarca.

Na primeira entrevista, **Abrir la caja de Pandora para actuar: Técnicas y estudios del Grupo Vendimia**, Tamira Mantovani conversa com o professor da Universidade Distrital de Bogotá Carlos Araque Osório sobre seu trabalho junto ao Grupo de Pesquisa Estudo da Voz e da Palavra por ele coordenado e sobre as práticas e técnicas de ensaio e trabalho do grupo colombiano *Vendimia Teatro*. Já a segunda entrevista, intitulada **Sotz'il: Rescate y memoria de la cultura Maya**, é com o multiartista Daniel Guarca, integrante do grupo guatemalteco *Sotz'il*. Nela, Daniel fala sobre como o grupo busca manter viva a memória, cultura e cosmogonia maia através de seus espetáculos bem como de suas oficinas e pesquisas realizadas junto a população maia kaqchikel.

Na sequência, temos o artigo **¿Academicizar o popular... ou popularizar la Academia?**, de autoria do mesmo professor Carlos Araque Osório da Universidade Distrital de Bogotá, sobre a relação entre o teatro popular e a Academia. Ademais, ele discute o teatro popular em si, os espaços que ocupa e suas formas de subversão do modelo cênico eurocêntrico baseado no texto, bem como o modo como as comunidades mantêm vivas suas tradições e sua memória através da realização de espetáculos populares.

O segundo artigo do dossiê, **Aparições performativas como anúncio de sumiços: Presenças e ausências no território latino-americano**, escrito pela artista e docente da Universidade Federal de Goiás, Júlia Jenior Lotufo, apresenta performances



realizadas no Brasil e na América Latina que trazem luz à defesa dos direitos humanos. É muito interessante ver como seu trabalho articula performance e luta pelos direitos humanos na América Latina.

Já **Crença e Castigo: Teatro e inquisição em Gonçalves de Magalhães, Dias Gomes e Augusto Boal**, artigo de Fernando Marques, do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, aborda a importância do teatro enquanto meio de denúncia das diversas formas de intolerância, sejam elas por parte dos indivíduos ou das instituições. O autor faz essa análise através da discussão de três obras: *Antônio José ou O poeta e a Inquisição* (1838), de Gonçalves de Magalhães; *O santo inquirido* (1964), de Dias Gomes, e *Torquemada* (1971), de Augusto Boal, conduzindo sua reflexão até o Brasil de hoje.

O artigo denominado **A obra de Seki Sano como ativadora da cena artística mexicana**, escrito por Scarlett Siqueira do Valle e Christine Greiner, da PUC-SP, discute – por sua vez – as reverberações da obra do diretor teatral japonês Seki Sano, fundador do Teatro das Artes, na cena mexicana e discute a influência de artistas e da arte oriental na cena teatral latino-americana.

Em **Sobre o chão colonial: Próteses e Monstruosidade na performance-dança de Élle de Bernardini**, Ronildo Júnior Ferreira e Naira Neide Ciotti, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, discutem A performance *Dance with me* (2018), da artista brasileira Élle de Bernardini e a sua inserção no contexto transfóbico, patriarcal e heterossexual brasileiro e têm como referencial teórico para sua análise a ideia de prótese de gênero desenvolvida por Paul B. Preciado (2015) e as reflexões acerca da monstruosidade tal como proposta por Jeffrey Jerome Cohen (2000).

Por sua vez, o artigo intitulado **Sou preto, sou gay, sou pretoguês: a escrita de si como performance**, de Paulo Petronilio Correa discute a performance enquanto espaço autobiográfico que potencializa práticas descoloniais. Ademais, afirma a "escrita de si" enquanto um espaço de lugar de fala e de retomada da identidade da população preta.

Já em **Confabulações de Encenadoras Mineiras: Uma breve reflexão acerca do empoderamento da artista cênica em tempos descoloniais**, a pesquisadora Letícia Andrade, da Universidade Federal de Ouro Preto, debate o trabalho de mulheres do teatro latino-americano tendo como recorte diretoras que atuam em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – a saber: Cida Falabella e Sara Rojo (sendo esta última de origem chilena). Em sua escrita, Letícia reforça a importância de ambas as diretoras na história do teatro brasileiro



contemporâneo. Além disso, a autora traz em seu artigo uma lista de diretoras mineiras das três últimas décadas, para registro.

Em **A Noite dos Assassinos: a transcrição do texto-dramático de José Triana para o texto-espetacular do Máskara – Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas em Teatro, Dança e Performance**, os autores: Ronei Vieira Nogueira, Gabriella Fernanda de Souza Vitorino e Robson Corrêa de Camargo, todos da Universidade Federal de Goiás, falam sobre a obra *La Noche de los Asesinos*, de José Triana e o desenvolvimento da performance *A Noite dos Assassinos* (2018) pelo grupo Máskara, enfatizando a relação da obra com a revolução cubana.

Por fim, o último artigo do dossiê, intitulado **Pedagogias Descoloniais a partir de Corpos e Poesias: criação de dramaturgias biogeográficas na educação básica no Brasil** escrito por Vitória Pavan e Marcos Antônio Bessa-Oliveira, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, discute as relações entre Teatro e Pedagogia do Oprimido e o pensamento descolonial. Além disso, relata as experiências pedagógicas dos autores no PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, programa extremamente importante para a introdução de graduandos no universo docente, existente dentro das Universidades públicas brasileiras.

Esperamos que com esse dossiê, estudantes e pesquisadores possam se aproximar dos estudos sobre o fazer cênico – seja teatral e/ou performativo – na América Latina, em seus aspectos ainda tão pouco explorados, mas de extrema importância. Conhecer nosso campo de atuação se faz necessário. Chegou o momento de voltarmos nosso olhar para a América Latina, identificarmos nossas práticas e pesquisas, para assim reconhecermos que aquilo que nos une é maior do que aquilo que nos separa.

## Referências

- MIGNOLO, Walter D. **The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, & Colonization**. Michigan: University of Michigan Press, 2003.
- QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. In Dossiê América Latina. **Revista estudos avançados**, v.19, n.55, 2005.
- ZAPATA, Miguel Rubio. "O teatro e nossa América". In. **Revista Urdimento**, v.1, n.22, 2014.

